

Hysteria de Terry Johnson

Camaleão
Encenação de José Geraldo
Produção de Margarida Mendes Silva
em parceria com a Camaleão
e co-produção com o TAGV
23, 24 e 25 Outubro . TAGV

TEXTO DANIEL BOTO



23

Da autoria do britânico Terry Johnson, “Hysteria” foi originalmente produzida em 1992 pelo Royal Court Theater (Londres).

A acção decorre em Novembro de 1939, ano em que começa a II Grande Guerra. Sigmund Freud (Ricardo Correia) escapara de Viena, fugindo às perseguições Nazis aos Judeus, para vir morrer a Londres vítima de cancro.

Enquanto o público entra e se acomoda, já o fundador da psicanálise jaz adormecido numa cadeira, à cabeceira do famoso divã, que só se revela quando a luz prossegue. O seu sono moribundo é subitamente interrompido por uma visita inesperada que se precipita pelo jardim. Trata-se de uma jovem que insiste em entrar àquela hora, à força de violentos piparotes nas vidraças, pois que chove

muito lá fora e que tem assuntos misteriosamente inadiáveis a tratar com o velho médico.

Insistindo numa consulta com direito a divã, a rapariga manifesta um comportamento instável e apresenta um quadro clínico estranhamente familiar; Jessica (Helena Faria) é filha de uma doente que Freud tratara há mais de 30 anos de uma histeria aguda. Mas isso ele ainda não sabe.

Cuidando que se viu livre, por fim, desta visita inoportuna, não pode imaginar que Jessica está escondida no armário da sala, bisbilhotando entre as suas notas pessoais, que surripiara de um baú.

No dia seguinte, Yahuda (Fernando Taborda), médico pessoal de Freud e judeu ortodoxo, surge para rever o estado do amigo e para tentar demovê-lo de publicar a

sua derradeira obra, altamente herética, *Moisés e o Monoteísmo*. Ao mesmo tempo, a última personagem da peça, Salvador Dalí (Rui Damasceno), aguarda na entrada para prestar visita à sua musa do Surrealismo e obter a “bênção” para os seus quadros.

Exceptuando-se o episódio do armário, e perante as circunstâncias dramáticas, não haveria motivos até agora para adivinhar a grande farsa que se segue, e que principia no exacto momento em que Freud se apercebe da intrusa.

Para resolver esta situação comprometedora, há que despachar imediatamente o dr. Yahuda, que infelizmente teve um problema na bicicleta e não está com pressa de sair. Empurrando o velho judeu para o quintal – pretexto para introduzir uma peripécia hilariante com caracóis –, dirige-se ao armário para se ver livre de Jessica mas constata que esta tirou a roupa e, logicamente, não poderá sair dali nua.

Para piorar as coisas, o famoso pintor dos bigodes encerados, cansado de esperar na entrada, irrompe triunfalmente pela sala numa algaraviada “basco-portuguesa” (habilmente elaborada do ponto de vista cómico), dispensando-se apresentações e dirigindo-se cerimoniosamente ao mestre.

Nos momentos seguintes, a farsa atinge o seu auge; Dalí descobre uma mulher nua no armário – e desde logo se enamora loucamente das suas axilas –, leva uma pancada na cabeça e cai no chão, perdendo os sentidos como muitos dos seus quadros. Em pânico, Freud lembra-se de tirar-lhe as calças para vesti-las à mulher nua do armário, e eis que o velho regressa do jardim e se depara com aquela cena inclassificável. O público entra em delírio histriónico.

A parte seguinte não é tão cómica (depois da cena anterior nada poderá ser tão cómico até ao fim da peça; quando muito, divertido ou ridículo). A personagem de Jessica está prestes a evoluir e a tornar-se muito mais densa; subitamente, ela dirige toda a acção e coloca todos os homens presentes a orbitar em torno da sua gravidade.

Na posse do diário privado de Freud, lê algumas passagens antes de se colocar ela própria no divã e de forçar Salvador Dalí a ler as seguintes (com a promessa de lhe ceder as axilas para seu exclusivo usufruto durante alguns momentos), fazendo-se passar por Freud que, por sua vez, assiste, impotente, do outro lado da sala à representação de si próprio no papel de psicanalista.

Nesta fase e nas que se seguem, o trabalho de Helena Faria é particularmente notável na sua alternância entre registos: passando de vítima a dominadora, de jovem rapariga inocente a mulher, incorpora intensos estados de histeria que exigem do espectador uma concentração imperturbável. Torna-se difícil compreender onde acaba um estado e começa o outro, onde acaba a jovem encastrada daquele momento tragicómico e onde começa um angustiante ataque de pânico que faz o seu corpo esguio de mulher estremecer de medos e angústias.

Agora percebemos: Jessica está a reproduzir as consultas e a histeria da sua mãe, decalcando-as das notas do diário e do seu próprio conhecimento dela. A tragédia revela-se aqui com a mesma intensidade com que a comédia se revelara antes, e o clímax decorre no exacto momento que antecede a pausa para a segunda parte. A música “edípiana” de Luís Pedro Madeira provoca um arrepio grave e formal, enquanto nós digerimos o relato da morte desta mãe revisitada, na casa de banho do hospício para onde fora atirada.

Ao nível do subtexto, este desfecho desafia não sem escárnio as teorias de tratamento professadas pela escola freudiana. Pode a alienação ser tratada? Jessica é ela mesma a prova viva da impossibilidade de conter a loucura, neste caso transgeracional, qual Antígona encerrada na tragédia própria da sua linhagem.

A última fase é marcada pela projecção de vídeo (Alexandre Mestre) de excertos de filmes simbolicamente muito adequados, que vão das origens (irmãos Lumière) às experiências surrealistas de Dalí e Buñuel, passando pelo Expressionismo Alemão e terminando com a personificação da Morte por excelência, no famoso tabuleiro de xadrez de Ingmar Bergman).



Tratando-se de uma adaptação do texto original – que é diferente e incomparavelmente mais produtiva do que uma mera tradução – há que enfatizar o esforço permanente que foi feito para manter o delicado equilíbrio entre os pressupostos históricos, que são o mote para o estranho convívio destas quatro personagens, e a grande dose de irrealismo que muitas das cenas vão imprimindo à acção, num crescendo até ao final.

Sem este equilíbrio, a peça poderia tornar-se predominantemente cômica e perder-se-ia a maior parte do seu interesse trágico; não deixando de ser, neste caso específico, a mais importante – porque convida à reflexão –, a dimensão trágica seria totalmente obliterada pela farsa.

Apesar do cenário extático e circular (Freud termina como começou, moribundo na sua cadeira – será que tudo não passou de uma alucinação, de uma fantasia febril induzida pelo seu estado terminal?), a encenação “paranóica” de José Geraldo distendeu o espaço ao limite, criando uma vasta área “fora de cena”, como o jardim, suportada pelas descrições do texto.

Por último, é importante notar a qualidade do trabalho dos quatro actores, sem esquecer os figurinos “maníaco-depressivos” que, em conjunto com a cenografia (congratulo anonimamente os seus responsáveis para evitar descrever aqui a extensa ficha técnica), criam um ambiente simultaneamente cômico e trágico, quente e frio, sensual e taciturno, pautado pelo ruído dos alarmes anti-aéreos e pelo despenhar das bombas.

Merecendo uma análise mais aprofundada que aqui não tem lugar – até porque a representação surge num contexto alargado de eventos paralelos (workshop, instalação plástica, tertúlia, entre outros) – fica o registo de uma excelente produção de Margarida Mendes Silva, que deve deixar todos aqueles que perderam o espectáculo de sobreaviso para uma próxima oportunidade. □

23. Cartaz do espectáculo “Hysteria” produzido por Margarida Mendes Silva em parceria com a Camaleão e co-produção com o TAGV.

24. Cartaz do espectáculo “TNT” produzido pela Escola da Noite.